



DISCUTINDO O CONCEITO DE RESILIÊNCIA: APONTAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Valdemar Antônio da Silva Júnior

RESUMO

O referido trabalho apresenta a discussão sobre o conceito de Resiliência, buscando assim propiciar contribuições para a Educação Física. Então, foram delimitados e analisados artigos acadêmicos, direcionando o trabalho para os diferentes conceitos sobre Resiliência, seus principais os autores e os tipos de pesquisas metodológicas. Após as interpretações sobre Resiliência que foram enfatizadas neste estudo concluiu-se que tal conceituação ainda se encontra em fase de construção; contudo a área educacional (escola) se encontra inserida nesta perspectiva de dialogo, podendo se projetar estudos na área de Educação Física sobre esta temática, fazendo apontamentos sobre o papel do professor na escola, e possíveis abordagens na aprendizagem do campo da consciência corporal.

Palavras Chaves: Resiliência; Educação Física; Professor; Consciência Corporal;

ABSTRACT

His paper presents a discussion on the concept of Resilience, trying to provide contributions to physical education. So were marked and analyzed academic papers, directing the work for the different concepts of resilience, its main perpetrators and the types of research methodologies. Following the interpretations of Resilience which were emphasized in this study it was concluded that this concept is still under construction, yet the education sector (school) is inserted into this dialogue perspective, being able to design studies in the area of Physical Education on this subject, making notes on the role of the teacher at school, and possible approaches in the field of learning body awareness.

Keywords: Resilience, Physical Education, Teacher, Body Awareness;

RESUMEN

Este artículo presenta una discusión sobre el concepto de resiliencia, tratando de aportar contribuciones a la educación física. Así que fueron marcados y se analizaron documentos académicos, dirigir el trabajo de los diferentes conceptos de resistencia, sus autores principales y los tipos de metodologías de investigación. A raíz de las interpretaciones de la Resistencia, que se hizo hincapié en este estudio se concluyó que este concepto está todavía en construcción, sin embargo, el sector de la educación (escuela) se inserta en esta perspectiva el diálogo, ser capaz de diseñar estudios en el área de Educación Física en este tema, tomando notas sobre el papel del maestro en la escuela, y los posibles enfoques en el ámbito del aprendizaje el conocimiento del cuerpo.



Palabras clave: *Resiliencia, Educación Física, Maestro, la conciencia corporal;*

INTRODUÇÃO

O assunto tratado em questão, ou seja, a Resiliência trata do modo como as pessoas são sensíveis e vulneráveis as situações adversas (perdas de entes queridos, violência, tráfico de drogas, violência doméstica, entre outras) que se encontram, independentemente do seu contexto social, precisando assim de formas ou meios para superá-las, ou enfrentá-las. Partindo destas análises supracitadas descobriu-se um acervo de autores bem extenso, como o caso do autor Borys Cyrulnick (2003), o Dr. George Barbosa (2006), entre outros.

Contudo o referencial teórico estudado quando aborda a Resiliência, destina-se com maior veemência aos campos da psicologia. Infelizmente poucos estudos relacionam essa temática à Educação Física, como é o caso da dissertação de Renata Lobo Catusso (2007) da Universidade Estadual de Campinas – Educação Física, intitulada “A Resiliência e a Imagem Corporal de Adolescentes e Adultos com Mielomeningocele”. Diante deste contexto se vê a necessidade acadêmica de pesquisar e apresentar novos estudos para a área de Educação Física relacionado à temática Resiliência; apontando e ratificando assim a pouca exploração de abordagens mais concretas e reais que estabeleçam de forma direta o suporte e o alicerce deste campo de ensino para trabalhar no contexto da Resiliência.

Este trabalho poderá intervir para o profissional de Educação Física estar mais sensível e perceptível aos seus alunos, pois em sua aula não conseguirá definir quem é resiliente, com isso o mesmo precisa ter alicerces para efetuar uma aula que possa mostrar ao aluno que ele é importante, que possuem direitos e um importante papel social.

Com relação à metodologia adotada, este estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica e foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. O corpus de análise foi constituído por meio de uma busca realizada no site Scientific Electronic Library Online – popularmente conhecido como Scielo (biblioteca virtual com periódicos científicos brasileiros). Foram identificados 34 (trinta e quatro) artigos no tocante ao assunto Resiliência. Contudo, apenas 22 (vinte e dois) artigos encontrados foram utilizados para o desenvolver deste trabalho, pois os mesmos retratam em seu conteúdo um referencial pertinente as problemáticas reais aqui propostas sobre a Resiliência.

Foram delimitadas categorias que se referiam a identificação da fonte, aos conceitos de resiliência, os principais autores que conceituam esta temática, e a metodologia utilizada pelo artigo, de caráter teórico ou uma pesquisa de campo. Após este procedimento se realizou uma análise quantitativa e qualitativa, além das discussões e do diálogo com o referencial teórico.

De acordo com os objetivos propostos a serem alcançados, este estudo está organizado em dois momentos. No primeiro referente ao estudo das compreensões a respeito do assunto Resiliência, se faz inúmeras interpretações sobre o que venha ser, tendo como principais interlocutores os autores Borys Cyrulnick, Yunes, Rutter, entre outros. O segundo momento enaltece as principais formas encontradas para a realização das pesquisas referentes à Resiliência, seja empiricamente ou teórica, e por fim realizar apontamentos futuros de como a Educação Física possa vir a atuar de forma, mas profunda em estudos voltados para a Resiliência.



1 - “COMPREENSÕES SOBRE RESILIÊNCIA”

Inicia-se a compreensão sobre a temática resiliência de acordo com sua origem etimológica do latim, *resiliens*, significa saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, romper. O conceito mais usual e expressivo sobre resiliência se encontra nos campos da Física e da Engenharia, onde se caracteriza como sendo “a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de deformação elástica” (FERREIRA apud PALUDO, KOLLER, 2005, p. 187). Contudo já se encontra presente nos dicionários ingleses uma outra vertente para conceituar a resiliência conforme menciona Yunes apud Nemer (2004, p. 68) sendo esta considerada como “a habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades”.

Estas novas contribuições no tocante a resiliência são bastante recentes no campo de estudo da Psicologia. Cerca de trinta anos para ser mais preciso. Sendo seus estudos iniciais voltados mais para área de saúde, envolvendo pessoas que sofrem de stress no seu cotidiano. “Na década de 1970, o conceito foi estudado em pesquisas com pessoas que foram submetidas a estresses agudos ou persistentes e não adoeceram como seria o esperado” conforme pode se observar nos estudos das autoras Regalla, Guilherme e Pinheiro (2007, p. 46).

O precursor das pesquisas a respeito da resiliência foi o psiquiatra Michel Rutter, citado em 59,09% dos artigos analisados nesta pesquisa. Segundo Elsen, Lacharite, Santos (2003, p. 148), Rutter “Prof. Dr acompanhou durante 10 (dez) anos, de 1979 a 1989, 125 (cento e vinte e cinco) crianças cujos pais eram portadores de doença mental e muitas destas crianças não desempenharam atitudes ou comportamentos, nem atributos semelhantes aos dos seus pais”.

Segundo Rutter apud Elsen, Lacharite, Santos (2003, p. 149), a resiliência era compreendida “como uma relativa de “resistência” manifestada por algumas pessoas diante de situações consideradas potencialmente de risco psicossocial (violência, ausência familiar, drogas, miséria, falta de educação e trabalho) para seu funcionamento e desenvolvimento”. De acordo com essa abordagem, a Resiliência era vislumbrada de acordo com as respostas geradas aos eventos considerados de risco, ressaltando que quando ocorria mudança de eventos novas expectativas de respostas eram aguardadas, pois estas respostas poderiam continuar sendo resilientes ou não; daí a preocupação com a contextualização da Resiliência, não sendo considerada, portanto, um atributo fixo a pessoa, pois inúmeros fatores devem ser observados para se chegar a uma conclusão sobre a resposta estabelecida. Como se pode observar:

Resiliência não é uma característica ou traço individual, mas processos psicológicos que devem ser cuidadosamente observados, não sendo, portanto uma característica fixa, ou um produto, pode ser desencadeada e desaparecer em determinados momentos da vida, bem como estar presente em algumas áreas e ausente em outras. (RUTTER apud POLETO, KOLLER, 2008, p. 408)

Para o estudioso Masten apud Paludo, Koller (2005, p. 187), que foi o segundo autor mais mencionado nos artigos, com o percentual de 40,90%, o conceito sobre Resiliência é extremamente contextual e dinâmico, uma vez que existem vários fatores que podem influenciar neste processo, sendo



identificado como um fenômeno caracterizado por resultados positivos na presença de ameaças ao desenvolvimento das pessoas.

A psicóloga Maria Angela Mattar Yunes, citada com 31,81% nos artigos, relata que: “a definição ainda não é clara e nem tão precisa quanto à da física, uma vez que devem ser considerados os fatores e as variáveis que envolvem o seu principal objeto de estudo, os seres humanos” (YUNES apud PALUDO, KOLLER, 2005, p. 187). Os autores supracitados dizem que a partir de uma revisão crítica das publicações sobre Resiliência do final dos anos 1990, verificaram que o conceito não apresenta uma definição consensual, sendo caracterizado em termos mais operacionais do que descritivo.

Mesmo diante de tantas definições que visam esclarecer o que seja Resiliência, deve-se notar a preocupação crescente e constante para explicá-la, sempre de maneira bem sucinta e objetiva para que sua compreensão seja melhor interpretada pelos seus leitores (alunos, pesquisadores, professores), considerando sempre os graus de exposição a estes aspectos de risco ou adversos, como intensidade e duração, para se chegar a uma análise mais esclarecida de ocorrência dos eventos. “A relação das pessoas com eventos adversos (falecimento de um familiar; violência doméstica; entre outros) passa por distintos graus de ocorrência, intensidade, frequência, duração e severidade”, como mostra Koller e De Antoni apud Poletto, Koller (2008, p. 409).

Quando se fala em Resiliência deve-se tomar cuidado para não se generalizar suas contextualizações, identificando quem seja ou não um ser resiliente na sociedade, pois isto pode reforçar os preconceitos sociais. Contudo todas as pessoas podem ser resilientes de acordo com o momento vivenciado, pois todos estão susceptíveis a passar por situações adversas na nossa realidade, “toda e qualquer pessoa vivencia algum tipo de dificuldade durante a vida” (Paludo, Koller, 2005, p. 193).

Um ponto a ser enaltecido quando se aborda a Resiliência, como foi colocado em alguns momentos anteriormente, refere-se aos fatores de risco e de proteção. Os fatores de risco são conceituados como sendo “um potencial para predispor pessoas e populações a resultados negativos e podem estar presentes tanto em características individuais como ambientais” (MASTEN, GARMEZY apud Paludo, Koller, 2005, p. 187). Partindo desse princípio, os fatores de risco se encontram voltados a aspectos vulneráveis que implicam em estressores biológicos e psicossociais como retratam Haggerty & cols. apud Sapienza, Marcondes (2005, p. 210) cujas pesquisas identificaram alguns fatores que tornam um indivíduo vulnerável, são elas: prematuridade, desnutrição, baixo peso, lesões cerebrais, atraso no desenvolvimento, família desestruturada, minoria social, desemprego, pobreza, dificuldade de acesso à saúde e educação.

E fator de proteção é definido como “características que diminuem a probabilidade de um resultado negativo acontecer na presença de um fator de risco, reduzindo a sua incidência e gravidade” (COWAN & COLS, apud POLETTTO, KOLLER, 2008, p. 188). Os fatores de proteção são enquadrados de acordo com três tipos de fatores, os individuais, familiares e os do meio ambiente, como pode ser observado logo abaixo:

Eles estão diretamente associados ao desenvolvimento saudável e relacionam-se a: 1) aspectos individuais, como auto-estima positiva, autocontrole, autonomia, orientação social positiva; 2) familiares, como famílias coesas, estabilidade, respeito; e 3) fatores do meio ambiente em que o indivíduo se insere, como relacionamentos saudáveis com colegas,



professores, e outras redes de apoio disponíveis. (YUNES & SZYMANSKI apud BIANCHINI, DELL'AGLIO, 2006, p.429).

Estes fatores são considerados cruciais para o desenvolvimento de respostas positivas e relevantes para a confirmação ou não de um ser resiliente, de acordo com a maior presença na vida do indivíduo de um destes fatores.

Deve-se observar que alguns fatores podem ser de risco em um momento e em outro pode ser considerado como de proteção, tudo dependerá da análise realizada sobre a situação a qual esta sendo estudada. “Fatores genéticos e ambientais, os quais, também, oscilam em sua função, podendo atuar como proteção em certos momentos e, em outros, como fator de risco.” (RUTTER apud ELSÉN, LACHARITE, SANTOS, 2003, p. 149).

O conceito de Resiliência segundo o etólogo, neuropsiquiatra e psicanalista Boris Cyrulnik transcende aos demais já citados anteriormente, pois o mesmo enfoca a construção deste conhecimento sendo um processo contínuo baseado nas interações sociais estabelecidas durante o desenvolvimento do ser humano, nas suas relações estabelecidas e fortalecidas com o meio ambiente.

Para Cyrulnik o sujeito resiliente é um ser inteligente, que consegue ter ações autônomas e excelente adaptação às circunstâncias a qual estarão inseridos, pois o mesmo no seu desenvolvimento já foi estimulado para tais situações. “O indivíduo resiliente seria um sujeito com um coeficiente de inteligência elevado, capaz de ser autônomo e eficaz nas relações com o meio, ter boas capacidades de adaptação relacional e empatia, capaz de prever e planificar e finalmente ter sentido de humor” (CYRULNIK apud SAMPAIO, 2007, p. 329).

Um ambiente a ser enaltecido como sendo um dos principais propulsores de valores étnicos e morais, sendo considerado como rede de apoio social, designa ao papel das instituições escolares na aprendizagem e desenvolvimento do ser humano, tentando repassar aos seus atores (alunos principalmente) os seus reais significados, tentando protegê-los e fortalecendo suas interações com a sociedade, “A escola pode promover a auto-estima e auto-eficácia dos estudantes, capacitando-os em habilidades sociais, além de influenciar o relacionamento entre o grupo de iguais por meio de normas, regras e da cultura da instituição” (LISBOA apud POLETTTO, KOLLER, 2008, p.412).

Os professores ou profissionais que compõem o quadro educacional da escola apresentam para muitos estudantes um papel de suma importância na constituição de sua formação pessoal, ou seja, muitos estudantes "encontraram suporte emocional fora de casa, geralmente de um professor na escola, de amigos ou outra pessoa que as apoiavam, principalmente nos períodos de maior estresse” (ELSEN, LACHARITE, SANTOS, 2003, p.148).

Para se refletir sobre essa discussão relacionando-a à Educação Física, dois pontos podem ser considerados, que estão relacionados à inclusão, ou seja, todos podem e precisam participar, não devendo ocorrer seleção entre os alunos que praticam a cultura de movimento. É relevante destacar que “cultura de movimento é um conceito que expressa diferentes compreensões e usos do corpo em uma determinada cultura ou sociedade” (NÓBREGA, 2003, p. 134). O conceito de cultura de movimento reforça a idéia da necessidade de democratização do sistema educacional e de que cada um tem o direito de se expressar e expor suas potencialidades, que poderá implicar diretamente em um maior auto-conhecimento, pois se poderá descobrir suas limitações, seus gostos, vontades, dificuldades e o desejo de viver bem, conseguindo gerar um estilo pessoal único e uma maior socialização entre todos os praticantes, revitalizando a importância de pertencer a um grupo.



Diante das transformações que a Educação Física vem passando, a partir de meados da década de 80, quando vem buscando superar uma visão biologicista do ser humano, como destaca Mendes (2007), pode-se perceber que o conceito de Resiliência é relevante para área, pois como discutido anteriormente suas contribuições vão tentar atender a todas as pessoas, não distinguindo cor, raça ou religião; pois a partir deste momento para se tomar qualquer decisão referente a atitudes ou gestos, têm que se ter conhecimento antes de todos os fatores, sejam eles os biológicos, sociais, políticos ou culturais que cercam cada pessoa.

Diante destas discussões se percebe que o desafio está posto para o professor de Educação Física, o qual poderá identificar nos seus alunos mudanças de comportamento, por exemplo, na dificuldade de aprendizagem. Para isso o seu lado sensível deverá estar bem apto para propiciar uma verdadeira interação, pois neste momento a confiança firmada enobrecerá o elo de ligação estabelecido; mostrando assim formas ou caminhos a serem seguidos para a tentativa de superar estes verdadeiros desafios vigentes que cercam o ser humano resiliente.

Os sentidos e significados propostos têm que ser bem intencionados, nada pode ser aleatório, pois cada “olhar” ou interpretação nas práticas corporais deverá sempre disponibilizar uma solução, um encontro consigo mesmo, “O simples fato de constatar que é possível encontrar uma saída nos convida a abordar o problema de outra maneira” (CYRULNICK, 2004, p. 14).

2 – PESQUISAS SOBRE RESILIÊNCIA E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Após a análise de conteúdo realizada com os 22 (vinte e dois) artigos referentes à temática Resiliência, observou-se uma predominância de pesquisas teóricas com um percentual de 59,1%, enquanto que as pesquisas de campo tiveram um percentual de 40,9%.

As abordagens dos artigos teóricos se dividem em diferentes aspectos de estudos. Discussão sobre a promoção de Resiliência em vítimas de trauma psicológico, alertando os fatores (medo, ansiedade, frustração, entre outros) marcantes e preponderantes destas pessoas, bem como os mecanismos (tratamento com acompanhamento hospitalar) utilizados para superarem estes traumas (PERES, MERCANTE, NASELLO, 2005). A abordagem da Resiliência como fator de proteção seja no contexto de adolescentes infratores (FERNANDES, GONÇALVES, 2006), no âmbito familiar (BENGHOZI, MARQUES, 2005), bem como na terceira idade (SAMPAIO, 2007).

No tocante aos artigos de pesquisa de campo, cada um possui sua característica bem peculiar, como por exemplo, estudos com moradores de rua que receberam apoio de duas professoras aposentadas, as quais por vontade própria escutam seus lamentos e os fornece ensino sem cobrar nada, ou seja, possibilitam que seus direitos como cidadãos sejam aplicados realmente na prática (SOUZA, ALVARENGA, FIEDLER, 2004); outro estudo refere-se à influência no desempenho escolar de crianças que convivem com violência dentro de casa, cujos pais agredem suas esposas na frente destas crianças (BRANCALHONE, CARLOS, ALBUQUERQUE, 2004). Um outro artigo retrata como crianças do sexo feminino conseguem além de estudar, fazer suas “tarefas” em casa, como providenciar o almoço e cuidar dos seus irmãos menores enquanto seus pais encontram-se trabalhando (POLETTI, CEMIN, KOLLER, 2004), entre outros.

São histórias de vida, que fazem com que qualquer ser humano pare para pensar sobre seus questionamentos, que na maioria das vezes são tão fúteis e descartáveis. Diante do exposto se vê



realmente a necessidade de cada vez pesquisar sobre a Resiliência, resultando em um consenso na sua conceituação, visto que a discussão dessa temática é nova na produção do conhecimento.

Mas estas pesquisas também mostram como a escola dentro do contexto de apoio social encontra-se despreparada para atender os resilientes, com grande parte de profissionais mal capacitados e principalmente impondo e estabelecendo preconceito dentro de seu âmbito acadêmico, o qual deveria ser abolido. Como se pode perceber em um dos artigos analisados, “a escola tradicional tem fracassado na recepção desses alunos devido ao preconceito e aos estereótipos oferecidos a esses meninos e meninas que vivem no contexto da rua” (PALUDO, KOLLER, 2005, p. 192). Devendo-se ressaltar que inúmeras escolas em suas próprias abordagens e explorações não se encontram coerentes com a realidade dos alunos, que por passarem por experiências (violência, drogas, ausência familiar) bem marcantes, deixaram de lado um pouco a ingenuidade presente em sua vida. Como mostra Poletto e Koller (2008, p. 412):

O discurso da escola, muitas vezes, não parece ter relação com a realidade do cotidiano de algumas crianças e jovens. As cartilhas de alfabetização tem propostas, as vezes, ingênuas para os amadurecidos trabalhadores de sete e dez anos de idade que as utilizam.

De acordo com os artigos analisados, no tocante as atividades escolares, a Educação Física foi destacada, quando se tratava de atividades recreativas, onde crianças gostavam de praticá-las, pois naquele momento eram apenas “criança de verdade”, deixando de lado as responsabilidades (cuidar dos irmãos mais novos e arrumar a casa) dos seus pais, conforme destacam (POLETTTO, CEMIN, KOLLER, 2004, p. 245), “todas demonstraram gostar das atividades oferecidas, principalmente das atividades de recreação em que podiam brincar em grupo e que envolvessem a mobilidade corporal”. A brincadeira torna o ambiente agradável, pois trabalha com o lúdico, com relações sociais, o respeito e a participação de todos, desenvolvendo as habilidades de contato e na constituição dos novos amigos; que é essencial para todo o ser humano, “a brincadeira, conforme afirma fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais” (WINNICOTT apud POLETTTO, CEMIN, KOLLER, 2004, p. 245). Nestes relatos se nota a importância da Educação Física na construção de um ambiente favorável para os alunos, pois como apoio social, ou seja, sendo um dos fatores de proteção, a Educação Física possibilita dentro de seus conhecimentos (esportes, lutas, dança, ginásticas e jogos), momentos que poderão servir como alicerces para um bom desenvolvimento cognitivo e afetivo, a partir das interações dos seus alunos, evitando que os fatores de riscos prevaleçam em suas vidas.

Desse modo, se destaca a possibilidade de se realizar pesquisas sobre resiliência nas aulas de Educação Física, quando se aborda à consciência corporal, pois o corpo humano é bem mais complexo do que parece, pois inúmeras representações e emoções podem ser expressadas no corpo, através do movimento, que suaviza, e nos faz sentir uma verdadeira mistura de sentimentos, como a felicidade e a tristeza, por isso a importância de se preservá-lo “tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro, pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade” (BERTHERAT, 2001, p. 03).

O nosso corpo precisa de cuidados a todo o momento, pois nele podemos mostrar por intermédio dos contatos sociais como as pessoas nos vêem, ou nos observa, mais do que uma descrição, é o



surgimento de características ditas e comentadas pela aparência superficial, a qual nos faz cometer inúmeros enganos. “Nosso corpo somos nós. Somos o que parecemos ser. Nosso modo de parecer é nosso modo de ser. Mas não queremos admiti-lo. Não temos coragem de nos olhar. Aliás não sabemos como fazer. Confundimos o visível com o superficial” (BERTHERAT, 2001, p. 03).

Muitas vezes atribui-se divergentes sentidos e significados ao nosso corpo, conduzindo-o a inúmeras modificações, ou transformações, sem um pensamento prévio das reais necessidades que o mesmo precisa, pois o mundo globalizado impõe parâmetros de beleza, que devem ser seguidos. “A indústria do designer corporal desenvolve-se a partir do sentimento de que a soberania relativa da consciência do indivíduo deve se estender igualmente a sua aparência e não deixar a carne inculta” (LE BETRON, 2003, p. 30), omitindo olhares bem críticos sobre estas tendências mercadológicas. Este condicionamento gerado nos faz remeter para o homem no modelo atual, que vem a despertar interesses bem distintos dos que deveriam prevalecer em sua vida diária, como se pode averiguar sua adesão nas práticas crescentes de atividades físicas, “o homem contemporâneo é convidado a construir o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar seu envelhecimento ou a fragilidade, manter sua “saúde potencial”” (LE BETRON, 2003, p. 30).

O corpo humano precisa perceber que se encontra dentro de uma cultura de movimento, de acordo com suas formas expressivas, dentro do enaltecimento dos seus valores morais, culturais e étnicos, pois ali abrange e caracteriza uma linguagem, uma representação clara e específica de uma nação, que se transforma por todo o tempo da história. “Relacionar o corpo a cultura significa uma compreensão do corpo humano não apenas como território biológico, mas como lugar de inscrição e de criação da linguagem e da história” (NÓBREGA, 2003, p. 131), deixando de lado a contextualização de um acessório descartável pois como destaca Le Breton (2003, p. 28) que o corpo é hoje um motivo de apresentação de si.

Este provar por algo diferenciado torna a percepção e comparação dos conhecimentos relativos ao corpo com conceitos bem estruturais e definidos como poesia, entre outros, através de suas ações ou atitudes, “a consideração da experiência do corpo permite compreender diferentes forma de linguagens como o mito, a poesia, a dança como expressões diretamente vinculadas ao gesto. (NÓBREGA, 2003, p. 138).

A ênfase agora voltada para o contexto do corpo do resiliente no tocante ao sentir respeitado, bem tratado, pois o toque tem um poder sem igual que pode salvar vidas e dar novos rumos ao futuro desta pessoa, graças a um sentimento verdadeiro, de coração, sem querer algo em troca, pois o amor é chave mestra para a superação de qualquer barreira, respondendo de forma bem simples, perguntas que até mesmo não tinha respostas, “quando o afeto e o envolvimento são transmitidos pelo tato, são com estes significados, além dos de provimento de segurança através de satisfações, que o tato passará a ser associado. Este, é portanto, o significado humano do tocar” (MONTAGU, 1988, p. 379).

As marcas corporais são trazidas em suas lembranças, e suplantadas no seu corpo, daí a sensibilidade de construir um trabalho digno, pois o ser resiliente está precisando de carinho, atenção, compreensão, e incondicionalmente de amor, “se é para se cometer algum erro, que a direção seja, preferencialmente, na do excesso de carinho que na de falta” (MONTAGU, 1988, p. 378).

É um verdadeiro desafio para área de Educação Física quando se discute os conceitos referentes à resiliência, contudo a Educação Física necessita estar preparada para atender a qualquer ser humano que venha fazer prática de suas atividades, mostrando a versatilidade do educador físico na realização de uma aula lúdica, envolvente, que sensibilize o aluno, realçando sua importância no seu contexto social.



Contudo deve-se existir uma verdadeira aliança entre as áreas de conhecimento que discutem e enfocam a resiliência, como a psicologia, para assim traçarem parâmetros condizentes com a realidade que cerca a nossa sociedade, podendo assim proporcionar um maior êxito nas práticas pedagógicas estabelecidas e orientadas com os alunos praticantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar em Resiliência atualmente pode ser considerado como algo bastante promissor, diante a temática ser recente e estar presente em inúmeros grupos de estudos. Percebe-se, após a análise dos artigos que existe uma preocupação no tocante a um consenso na sua conceituação, mas o construto final deste saber já se encontra próximo devido a crescente demanda de pesquisas, que ratifica a valorização e reconhecimento destes estudos sobre Resiliência.

Mesmo a Resiliência sendo um assunto pertinente ou mais abordado no campo da psicologia, não é um assunto restrito desta área, visto que a mesma necessita de outros campos de conhecimento para propiciar ao resiliente um ambiente seguro, considerado pela literatura como fator de proteção.

A escola de acordo com suas contextualizações é considerada como um ambiente precursor para o desenvolvimento do processo da Resiliência; cujo professor é o “ator” principal desta história, pois possibilitará recursos que permitirão ao aluno ser uma pessoa crítica e convicta dos seus saberes, deveres e direitos, contudo a escola não está sozinha neste processo, a família e a sociedade, também fazem parte.

Pelo que podemos perceber a Educação Física como um campo de intervenção pedagógica poderá ser visto com bastante relevância para a constituição de um ambiente de proteção, pois no momento das aulas os professores poderão oferecer liberdade para os alunos se expressar, mostrar seus sentimentos (dor, alegria, tristeza) ao mesmo tempo “esquecer” dos momentos de tanta responsabilidade que lhe são impostas. Possibilitar a inclusão em grupos, o ser reconhecido como alguém importante pelo amigo, construir valores de respeito, de confiança e determinação para alcançar seus resultados. E ao professor de Educação Física cabe a sensibilidade para mostrar aos seus alunos a importância do viver em harmonia consigo mesmo e com todos os que estão presentes em sua vida. Lógico que ninguém estará aqui identificando quem é resiliente ou não, mas o meio que se encontra poderá disponibilizar recursos para aquelas pessoas considerados resilientes se reconhecerem como pessoas dignas e iguais aos demais, com um desempenho de atitudes relevantes para o seu crescimento.

Devem-se ressaltar as limitações deste trabalho se está iniciando ainda uma discussão sobre a temática Resiliência, que pouco é discutido na Educação Física. Com isso observa-se a necessidade do aprofundamento dessas discussões, desenvolvendo outras pesquisas na área de Educação Física, sendo que bem mais detalhadas e interpretadas em outros contextos de estudos (escolar, familiar, consciência corporal); que poderá servir como alicerce ou respaldo para os profissionais da área no momento de seus posicionamentos nas discussões com as outras áreas que discutem a Resiliência, como é o caso principalmente da Psicologia.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, George Souza. Resiliência em Professores do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série: “Validação e Aplicação do Questionário do Índice de Resiliência: Adultos Reivich – Shatté/Barbosa”. Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC – São Paulo, 2006.



BERTHERAT, Thérèse. O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si. 19ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIANCHINI, Daniela Cristina Silva; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Processos de Resiliência no Contexto de Hospitalização: Um Estudo De Caso. Paidéia, 2006, 16(35), 427-436.

BRANCALHONE, Patrícia Geórgia; CARLOS, José Fogo; ALBUQUERQUE, Lúcia Cavalcanti de Williams. Crianças Expostas à Violência Conjugal: Avaliação do Desempenho Acadêmico. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Mai-Ago 2004, Vol. 20 n. 2, pp. 113-117.

CATUSO, Renata Lobo. A resiliência e a imagem corporal de adolescentes e adultos com a Mielomeningocele. Dissertação pela Universidade Estadual de Campinas – Educação Física, 2007.

CYRULNIK, Boris. Os patinhos feios; tradução Mônica Stahel – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELSEN, Ingrid; LACHARITÉ, Carl; e SANTOS, Mara Regina da Silva. Resiliência: Concepções, Fatores Associados e Problemas Relativos à Construção do Conhecimento na Área. Paidéia, 2003, 13(26), 147-156.

FERNANDES, Cláudia Regina Brandão Sampaio da Costa; GONÇALVES, Simone de Assis. Fatores Protetivos a Adolescentes em Conflito com a Lei No Contexto Socioeducativo. Psicologia & Sociedade, 18 (3): 74-81; set/dez. 2006.

LE BRETON, D. Adeus ao Corpo. Campinas: Papirus, 2003.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Mens Sana in Corpore Sano: Saberes e práticas educativas sobre o corpo e saúde/ Maria Isabel Brandão de Souza Mendes – Porto Alegre: Sulima, 2007. 167p.

MONTAGU, Ashley. Tocar o Significado Humano da pele; [tradução de Maria Sílvia Mourão Netto]. São Paulo : Summus, 1988.

NEMER, Débora Patrícia Pinheiro. A Resiliência em Discussão. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 1, p. 67-75, 2004.

NÓBREGA, T. P. Corpos do Tango: reflexões sobre gestos e cultura de movimento. In: LUCENA, Ricardo e Souza, Edilson (org). Educação Física, esporte e sociedade. Editora da UFPB, 2003.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Silvia Helena. Resiliência na Rua: um Estudo de Caso. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Mai-Ago 2005, Vol. 21 n. 2, pp. 187-195.

PERES Julio F. P.; JULIANE P. P. Mercante; ANTONIA G. Nasello. Promovendo Resiliência em Vitimas de Traumas Psicológicos. Revista Psiquiátrica - RS maio/ago 2005;27(2):131-138.



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

POLETTTO, Michele; CEMIN, Tânia Maria Wagner; KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência e Desenvolvimento Infantil de Crianças que Cuidam de Crianças: Uma Visão em Perspectiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Set-Dez 2004, Vol. 20 n. 3, pp. 241-250.

POLETTTO, Michele; KOLLER Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 25(3), 405-416, julho - setembro 2008.

SAMPAIO, Carlos Antônio de Jesus Laranjeira. Do Vulnerável Ser ao Resiliente Envelhecer: Revisão de Literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jul-Set 2007, Vol. 23 n. 3, pp. 327-332.

REGALLA, Maria Angélica; GUILHERME, Priscilla Rodrigues; PINHEIRO, Maria Antônia Serra. Resiliência e transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. *Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB-UFRJ)*, 56, supl 1;45-49, 2007.

SAPIENZA, Graziela; MARCONDES, Márcia Regina Pedromônico; Risco, Proteção e Resiliência no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 209-216, mai./ago. 2005.

SOUZA, Aparecida Magali de Alvarez; ALVARENGA, Augusta Thereza de; FIEDLER, Nelson Ferrara. Encontro Transformador em Moradores de Rua na Cidade de São Paulo. *Psicologia & Sociedade*; 16 (3): 47-56; set/dez.2004.

Valdemar Antônio da Silva Júnior
Graduado em Educação Física pela UFRN